

Nome: Fernando Araújo Del Lama

E-mail: dellama.f@gmail.com

Instituição de ensino: Universidade de São Paulo

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra

AS FANTASMAGORIAS DE NOSSO TEMPO, OU A ATUALIDADE DE WALTER BENJAMIN

Resumo: Trata-se de ensaiar, a partir de um diálogo crítico e uma tentativa de atualização de alguns temas extraídos do diagnóstico de época formulado por Walter Benjamin durante a década de 30, uma reflexão acerca das perspectivas emancipatórias e de bloqueio à emancipação de algumas das fantasmagorias de nosso tempo.

O conceito de fantasmagoria (*Phantasmagorie*), é verdade, não é muitas vezes empregado por Benjamin. Suas poucas menções podem ser encontradas em alguns escritos vinculados ao complexo das *Passagens*, sobretudo em alguns dos ensaios sobre Baudelaire e nos dois *exposés*, com maior destaque para o de 1939, além de figurar em algumas discussões epistolares com Adorno. E talvez seja esse o motivo de uma recepção tão confusa. No contexto dos estudos sobre sua obra, ele frequentemente é alvo de diversos mal-entendidos: sua especificidade é muitas vezes negligenciada em prol da aura de mistério que envolve o termo; em outras, ela é sacrificada em função de sua equiparação à noção marxiana de “fetichismo da mercadoria”; mais recentemente, contudo, graças ao crescimento do interesse em outros tópicos de sua obra relativos à teoria da mídia para além dos elencados no famoso ensaio sobre “A obra de arte...”, em especial a reflexão sobre e o sentido de sua atuação no rádio, alguns estudos se propuseram a colocar alguns aspectos desta ideia em nova e produtiva perspectiva.

Com efeito, a noção de fantasmagoria, no interior da constelação em que Benjamin a insere, assume fundamentalmente o sentido de um “produto cultural” – para utilizar as palavras de Jean Lacoste – que cristaliza em sua estrutura interna um conjunto de tensões e, por esta razão, carrega uma abertura a diferentes tendências de desenvolvimento, sejam elas negativas ou positivas, conservadoras ou transformadoras. Embora aparentemente vago, o termo “produto cultural” apreende de modo mais ou menos adequado a amplitude da noção de fantasmagoria, que pode assumir várias e distintas formas: ela pode assumir a forma de um novo padrão de comportamento que surge num contexto de mudanças na dinâmica da sociedade – por exemplo, as

fantasmagorias do jogo, da *flânerie* ou dos interiores burgueses, em meados do século XIX –, mas também podem ser inovações técnicas, que transformam radicalmente a experiência dos habitantes das metrópoles modernas – por exemplo, as construções das passagens e as exposições universais no século XIX, que dão origem às fantasmagorias do mercado. Elas surgem como reação às transformações da vida social e, por esta razão, hesitam e se confrontam ante a assimilação completa pela lógica estabelecida, permitindo desenvolvimentos em outras direções.

Mas como a ambivalência intrínseca às fantasmagorias opera? Alguns exemplos podem ser um pouco melhor explorados. Em relação à fantasmagoria do jogo, ela reside na existência simultânea, por um lado, de anseios reais de atingir o tempo pleno, escapando da temporalidade “homogênea e vazia”, mas que por outro, se apresenta factualmente como eterno retorno do mesmo mítico, o sempre-igual (*Immergleichen*) que perpetua a realidade vigente. Nos parágrafos e fragmentos dedicados ao fenômeno social do jogo, Benjamin mostra como a repetição ininterrupta de jogadas, somada à diversão que a acompanha, funciona como um entorpecente, que desconecta o jogador da realidade mundana e impossibilita-o de agir politicamente. Quer dizer: apesar de estar contido na estrutura mesma da imagem-sonho do jogo, o sonho do tempo pleno está adormecido, sendo necessário despertar, feito os surrealistas, suas potencialidades revolucionárias. E enquanto ele não for liberado do aprisionamento mítico, as coisas tendem a permanecer como estão.

O comportamento dos burgueses no século XIX, por sua vez, revela a fantasmagoria dos interiores. Em pleno auge do capitalismo, nas moradas burguesas, a desvalorização do valor de troca dos objetos expressa um certo desejo saudosista de harmonia com os produtos humanos, não obstante a dinâmica da sociedade, pautada pela produção e consumo de mercadorias. Ao conferir valor estético aos objetos de que dispõe em seu enclausuramento, o burguês-colecionador expropria-os de seu valor de troca, característica primordial da mercadoria, e artificialmente imputa-lhes unicidade e autenticidade, isto é, concebe-os nos moldes da experiência aurática: para ele, seus objetos se diferenciam de todos os demais pois carregam seus traços, os traços de sua história. Contudo, esse aprisionamento burguês se revela uma tentativa de evasão, de rompimento desesperado e relutante com o mundo moderno que não cessa de evanescer, devido ao temor da submissão à sua lógica. Ora, se para Benjamin um estágio de emancipação plena da sociedade só pode ser atingido através da mobilização de forças coletivas, se apartar do mundo significa ignorar seus problemas e, portanto, agir de

modo conservador. Seria preciso, pois, liberar o sonho do resgate da harmonia idílica entre homens e produtos humanos aprisionado na imagem fantasmagórica.

As exposições universais permitem a compreensão de mais uma ambivalência fantasmagórica moderna. Destinadas às mais diversas camadas sociais e orientadas pelo slogan “instrução e diversão”, elas eram uma espécie de celebração, no mais claro espírito das luzes, dos progressos científicos, técnicos, estéticos e morais da humanidade: patrões e trabalhadores suspendiam suas diferenças em prol das maravilhas que o sistema vigente oferecia. Porém, o sonho de democratizar o acesso aos progressos da humanidade se travestia ideologicamente, nas palavras de Benjamin, em “centros de peregrinação ao fetiche da mercadoria”: aliado à espetacularização da exibição no interior dos faraônicos pavilhões, o “sex-appeal” das mercadorias avivava o poder de sedução exercido sobre os espectadores, fazendo-os aceitar e colaborar com a ideologia vigente. Assim, seria preciso resgatar o espírito da idealização das exposições universais, realizando-os efetivamente.

O que permite unificar tão diversos fenômenos sob a rubrica fantasmagoria é o fato de todos eles serem imagens ambivalentes que suprimem a positividade e reificam a negatividade na realidade urbana e, como sintetiza Marc Berdet, agregar numa só imagem a função ideológica (reprodução da ordem social) na estrutura mítica (repetição da reconciliação) com o brilho utópico (imagem adormecida da sociedade sem classes). Além disso, a fantasmagoria é um fenômeno moderno, vinculado ao capitalismo e à sociedade na qual são produzidas mercadorias.

E em tempos de velozes progressos e transformações como são os nossos, algumas das fantasmagorias podem ser percebidas nas inovações técnicas e no modo pelo qual elas afetam a vida cotidiana. Assim, temas da ordem do dia, como a internet e a “esfera pública virtual” que ela possibilita, ou mesmo a propagação de dispositivos, bem como sua compactação e rápida ampliação de funcionalidades, que combinadas à internet, permitem o acesso à conhecimentos e informações instantaneamente, podem ser tomadas nesta chave. Obviamente, como fantasmagorias que são, elas contêm um lado negativo, que tende à assimilação pelo *establishment*, sendo necessário, então, a liberação da positividade da imagem-sonho nelas contida.

Enfim, para atingir os objetivos aqui sugeridos, trata-se, primeiramente, de reconstituir alguns aspectos dirigidos do diagnóstico benjaminiano que conservam sua atualidade, isto é, aqueles calcados na problemática da fantasmagoria. Em seguida, pretende-se partir destas considerações a fim de esboçar uma reflexão no sentido de

atualizá-las, isto é, transpô-las, com as adaptações necessárias, para o nosso conjunto de problemas. Além disso, as análises serão relativizadas com importantes estudos sobre o tema, tais como os de Jaeho Kang, Marc Berdet, Miriam Hansen e Pierre Lévy, dentre outros.

Palavras-chave: Walter Benjamin, fantasmagoria, modernidade, diagnóstico, emancipação